

Contra incertezas, Holanda buscará novos mercados

Lucas Paulino

foto: Petrus Lee/Divulgação



No primeiro trimestre do ano, a Holanda viu o seu Produto Interno Bruto (PIB) recuar 0,2%, índice pequeno quando se o compara com o de países como Itália, mas que preocupa os empresários

Em um período em que passam por um governo provisório depois da renúncia do primeiro-ministro Mark Rutte, os Países Baixos unem esforços para suavizar os efeitos da crise europeia em seu território, o que deverá demandar aumento do fluxo de investimentos para o Brasil. Para o próximo mês de novembro está programada a visita de Willem Alexander e Máxima, príncipes herdeiros da coroa da Holanda, ao Brasil. Eles devem vir acompanhados de uma comitiva de cerca de 180 empresários holandeses que pensam em investir e iniciar operações em cidades brasileiras.

Com relação ao ambiente de crise na Europa, os números apontam um desaquecimento da economia. No primeiro trimestre do ano, a Holanda viu o seu Produto Interno Bruto (PIB) recuar 0,2 %. O índice é pequeno se comparado ao de outros países do continente -como a Itália, que encolheu 0,8% no mesmo período-, mas preocupa muito os empresários holandeses.

Para o professor de Economia Ivo Arnold, da Erasmus University, em Roterdã, o governo holandês é fortemente a favor de políticas fiscais sólidas e deve endurecer o tratamento para com os países da zona do euro. "O eleitorado está hesitante em continuar pagando por países do sul da Europa e está se cansado da incompetência grega", analisa.

O cenário deve afetar diretamente as eleições no país, antecipadas para o próximo mês de setembro. "Partidos extremistas de direita e de esquerda tentam capitalizar esse descontentamento, o que vai obrigar os partidos políticos moderados a montarem uma coalizão depois das eleições", comenta Arnold.

A economia dos Países Baixos é voltada para um grande e forte setor de serviços, incluindo logística, comércio e financeiro. Para o professor holandês, o país é muito dependente do comércio mundial e, principalmente, da economia alemã. "Não temos a mesma base de produção da Alemanha, que é muito grande, mas também somos competitivos e bastante orientados para a exportação", diz. A Alemanha é o maior parceiro econômico dos Países Baixos, tanto em exportações como em importações. "Os holandeses e os alemães têm opiniões semelhantes sobre a política econômica, com base em moeda forte, finanças públicas e reformas estruturais", completa Arnold.

A Holanda é atualmente a sexta maior economia da Europa, superando a de países como Suíça, Bélgica e Áustria. O PIB total do país fechou em 607,43 bilhões de euros no último ano. Já o PIB per capita é o terceiro maior do mundo, atrás somente do de Luxemburgo e Estados Unidos, de acordo com o instituto de estatísticas Eurostat. Vale lembrar que a pequena nação europeia tem aproximadamente metade da população do estado de São Paulo e uma área territorial parecida com a do Estado do Rio de Janeiro.

No último ano as exportações da Holanda foram responsáveis por 84,2% do PIB do país, segundo o instituto CPB Netherlands. Em 1970, o mesmo índice estava em apenas 44,8%. A maior parte dos produtos exportados tem como destino países dentro da própria Europa, representando 81% do total das exportações. Em segundo lugar está a Ásia, com 9%, e em terceiro todo o continente americano, com cerca de 7% do volume total.

Renúncia

A professora e economista Liesbeth van Vulpen, da Windesheim University, em Zwolle, na parte leste dos Países Baixos, não tem dúvidas de que a renúncia do primeiro-ministro holandês foi profundamente motivada pelo cenário econômico atual. "A saída de Mark Rutte, de fato, se deu também por não ter sido capaz de lidar com os problemas econômicos que temos. Espero que as novas eleições tragam um governo capaz de lidar melhor com essas dificuldades", comenta.

Mark Rutte apresentou sua renúncia e a de todo o seu gabinete à rainha Beatriz no final do mês de abril, depois de uma fracassada negociação do plano de cortes para diminuir o déficit público a 3% no próximo ano. O corte orçamentário era necessário para atingir as metas fixadas pela União Europeia, mas as propostas foram barradas pelo partido de extrema-direita PVV (Partido da Liberdade), liderado pelo controverso político Geert Wilders, conhecido por suas posições contrárias aos imigrantes, especialmente os islâmicos.

Apesar da renúncia, o governo interino alcançou um pacto para cortar 12 bilhões de euros nos gastos públicos até 2013, cumprindo o que havia sido acordado com a Comissão Europeia. O acordo foi firmado entre os partidos do governo interino, os liberais (VVD) e os democratas cristãos (CDA), que conseguiram apoio de três partidos opositores, os verdes, os liberais de esquerda e os calvinistas.

Entre as medidas aprovadas, a idade de aposentadoria passará a ser 66 anos em 2019, e em 2022 subirá para 67 anos. Além disso, salários de funcionários públicos serão congelados, empresários serão responsáveis por pagar os seis primeiros meses de seguro-desemprego dos funcionários e os impostos aos bancos serão duplicados. As demissões também serão flexibilizadas e o Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) subirá para alguns bens.

Apesar dos esforços, a crise que contamina todo o continente europeu não deixa de passar pela Holanda. "Como dependemos bastante do comércio com toda a Europa, nossa economia não está crescendo muito se você comparar com a da Alemanha, por exemplo, que funciona bem melhor. Uma das razões para isso é que as exportações alemãs têm um mercado global, não somente europeu", analisa a professora Liesbeth van Vulpen.

Relações com Brasil

Brasil e Holanda são parceiros em projetos que envolvem principalmente setores de combustível, naval e offshore, além de grandes marcas do varejo, como a rede atacadista Makro e a cadeia de lojas de vestuário C&A. No ramo da indústria, Philips, Heineken, Unilever, Shell e Akzo Nobel, entre outras, figuram como líderes.

Agora, com o cenário apreensivo na Europa, a Holanda quer aumentar o fluxo de investimentos com o Brasil, como disse o ministro de Relações Exteriores holandês, Uri Rosenthal, em recente visita ao País. Ele afirmou que o território brasileiro deve ser um dos principais destinos dos investimentos de seu país no exterior. No último ano, as relações entre as duas nações geraram quase US\$ 16 bilhões, um aumento de 32,6% em relação ao ano

anterior. Em Brasília, Rosenthal ressaltou que a Holanda tem investimentos acumulados no Brasil de US\$ 50 bilhões nos últimos dez anos.

Fonte: DCI, São Paulo, 16, 17 e 18 jun. 2012, Finanças & Mercados, p. B10.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.